

## SÍNDROME DA MULHER-MARAVILHA: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL SOBRE OS IMPACTOS NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS

Liliane Barbosa Mesquita de Oliveira <sup>1</sup>

Renan Gomes de Moura <sup>2</sup>

**Resumo:** Exaustas! Sim, em uma sociedade capitalista e patriarcal a inserção das mulheres no mercado de trabalho não significou a divisão igualitária dos afazeres, que continuam socialmente vistos como obrigações e atribuições exclusivas delas. Dessa forma, a sociedade exige alta performance, como se estabelecesse um padrão de Mulher-Maravilha, usando a analogia da personagem dos quadrinhos. Pesquisas apontam que há uma crescente no número de mulheres acometidas por problemas de saúde mental e físicos, fruto da pressão imposta para dar conta das multitarefas, do acúmulo de funções acrescido à expectativa social para alcançar padrões praticamente inatingíveis, em múltiplos campos de sua vida, levando a “Síndrome da Mulher-maravilha”. Em particular, destaca-se a mulher negra que enfrenta uma série de desafios adicionais, desde a falta de representatividade nos espaços de poder, a violação de seus direitos humanos fundamentais, até a precariedade econômica resultante de décadas de discriminação estrutural. Além disso, a interseccionalidade emerge como uma lente crucial para entender as complexas interações entre raça, gênero e classe, destacando como esses sistemas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Diante disso, este ensaio visa discutir os impactos da interseccionalidade de gênero, raça e classe social na vivência da “Síndrome da Mulher-Maravilha”, no contexto do mercado de trabalho contemporâneo, analisando os fatores que contribuem para a sua sobrecarga de responsabilidades e, conseqüentemente, o esgotamento físico e psicológico das mulheres negras e periféricas. Trata-se de um trabalho bibliográfico, exploratório e argumentativo, por meio de um estudo interpretativo e reflexivo.

**Palavras-chave:** Síndrome da Mulher-Maravilha. Interseccionalidade. Mulher.

## WONDER WOMAN SYNDROME: AN INTERSECTIONAL ANALYSIS OF THE IMPACTS ON THE LIVES OF BLACK BRAZILIAN WOMEN

**Abstract:** Exhausted! Yes, in a capitalist and patriarchal society, the inclusion of women in the labor market has not led to an equal division of household tasks, which are still socially perceived as their sole responsibility. As a result, society demands high performance, establishing an implicit "Wonder Woman" standard, drawing on the comic book character as an analogy. Research indicates a growing number of women

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (UNIGRANRIO).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (UNIGRANRIO).

experiencing mental and physical health issues due to the pressure of managing multiple roles, accumulating responsibilities, and striving to meet nearly unattainable societal expectations across various aspects of their lives—leading to the so-called “Wonder Woman Syndrome”. Black women face additional challenges, from underrepresentation in positions of power and violations of their fundamental human rights to economic precarity stemming from decades of structural discrimination. Furthermore, intersectionality emerges as a crucial lens for understanding the complex interactions between race, gender, and class, highlighting how these systems of oppression intertwine and reinforce one another. In this context, this essay aims to discuss the impacts of the intersectionality of gender, race, and social class on the experience of "Wonder Woman Syndrome" in the contemporary labor market, analyzing the factors that contribute to the overload of responsibilities and, consequently, the physical and psychological exhaustion of Black and marginalized women. This is a bibliographic, exploratory, and argumentative study, conducted through an interpretative and reflective approach.

**Keywords:** Wonder Woman Syndrome. Intersectionality. Women.

## Introdução

Este ensaio visa discutir os impactos da interseccionalidade de gênero, raça e classe social na vivência da “Síndrome da Mulher-Maravilha”, no contexto do mercado de trabalho contemporâneo, analisando os fatores que contribuem para a sobrecarga de responsabilidades e, conseqüentemente, o esgotamento físico e psicológico das mulheres negras e periféricas. Trata-se de um trabalho bibliográfico, exploratório e argumentativo, por meio de um estudo interpretativo e reflexivo<sup>3</sup>.

Para analisar o termo “Síndrome da Mulher-Maravilha”, faz-se necessário, a *priori*, voltarmos para a gênese da personagem dos quadrinhos, criada na década de 1940, por William Moulton Marston, que, curiosamente, também é o inventor do detector de mentiras, representado na história como o fictício laço mágico da verdade. Estudos científicos sobre bem-estar e felicidade indicam um fenômeno surpreendente: nos últimos 40 anos, as mulheres têm relatado níveis mais altos de infelicidade, ansiedade e estresse. Esse dado é paradoxal considerando que as mulheres conquistaram melhores oportunidades, maior reconhecimento profissional, influência e poder financeiro (Buckingham, 2014).

---

<sup>3</sup> Este artigo é parte das reflexões desenvolvidas na dissertação em andamento da primeira autora, pelo coautor no Programa de Pós-Graduação, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

Há uma crescente preocupação na literatura com o aumento da incidência de problemas de saúde mental em diversas populações, com destaque para os Transtornos Mentais Comuns (TMC), que têm sido mais frequentes, especialmente entre as mulheres (Pinho; Araújo, 2012). Os TMC se manifestam por meio de uma variedade de sintomas, como fadiga, lapsos de memória, dificuldades para dormir, irritabilidade, problemas de concentração, dores de cabeça e queixas psicossomáticas (Pinho; Araújo, 2012). Esses transtornos interferem significativamente no funcionamento normal dos indivíduos, prejudicando suas relações familiares, sociais, pessoais e profissionais (Pinho; Araújo, 2012).

São evidentes as desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade patriarcal e capitalista, é notória a desvalorização do trabalho feminino e a existência de um preconceito arraigado em relação ao papel das mulheres na sociedade. Essa disparidade torna-se ainda mais pronunciada quando observada pela lente da interseccionalidade<sup>4</sup>, que, conforme Akotirene (2019, p. 48) “diz respeito à identidade na qual o racismo é interligado por outras estruturas”.

De acordo Crenshaw (2002), a interseção entre as estruturas sociais e políticas tem um impacto singular sobre as mulheres, especialmente, aquelas que enfrentam a convergência dessas dinâmicas de poder. A autora ilustra este ponto ao destacar que mulheres negras e de baixa renda são as mais afetadas por políticas econômicas de ajuste, redução dos salários, diminuição dos serviços públicos, principalmente aqueles relacionados à educação e ao cuidado de crianças e idosos (Crenshaw, 2002).

A interseccionalidade não analisa os processos discriminatórios de forma isolada, mas sim de maneira complexa, considerando as múltiplas formas de opressão (como classe, gênero, geração, raça/etnia e orientação sexual) que se entrelaçam e se sobrepõem simultaneamente na sociedade. Como destacado por Crenshaw (1989, p. 140), “as concepções operativas de raça e sexo se tornam ancoradas em experiências que, na realidade, representam apenas um subconjunto de um fenômeno muito mais complexo”.

---

<sup>4</sup> Em 1989, Kimberlé Crenshaw sistematizou o termo "interseccionalidade", em um artigo sobre teoria crítica de raça, que tem alcançado um crescente reconhecimento na academia. Originado da história de Emma DeGraffenreid, a qual foi rejeitada em uma empresa devido à sua identidade como mulher negra, o conceito analítico destaca a interseção de racismo com outras estruturas sociais.

## 1. Síndrome da Mulher-Maravilha: O Estereótipo da Guerreira.

Com o objetivo de refletir acerca das causas e das consequências da “Síndrome da Mulher-Maravilha”, é necessário compreender o conceito de gênero, a fim de analisar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres e os contextos que desencadeiam as diferenças e as desigualdades vivenciadas por elas dentro de uma sociedade patriarcal.

Em termos gerais, “gênero”, conforme definido pelo Dicionário Aurélio (1986), refere-se aos indivíduos de sexos distintos (masculino/feminino) ou às características sexuais. Percebe-se que o conceito aqui aparece restrito ao plano biológico. Então, observa-se que o termo gênero possuía um sentido restrito ao plano biológico, que determina como esse corpo performa papéis, funções ou comportamentos que são delineados e esperados socialmente. Logo, desconsidera e exclui os aspectos sociais, culturais e econômicos.

Assim, as experiências dos sujeitos e seu espaço na sociedade são determinados, conforme o seu sexo biológico. Expressando como algo determinado pela natureza e logo é: incontestável e imutável dentro da estrutura social, gerando a desigualdade. Dessa forma, as diferenças não constituem determinantes das diferenças sociais, porém, são ideologicamente naturalizadas, produzidas e reproduzidas na sociedade.

Apesar de essa perspectiva biológica de gênero parecer um conceito universal e atemporal, a autora Oyěwùmí (2017) refuta tal percepção, haja vista que existiam outras formas de organização social, como por exemplo, os povos iorubás de *Oyó*, na Nigéria, que antes da colonização tinham como parâmetro norteador das relações e posições a senioridade<sup>5</sup>. Assim, a família Iorubá tradicional era não-generificada. Pode-se, então, afirmar que ele não é uma visão única que permeia a todas as sociedades.

Com base na autora, mediante o processo de colonização ocorrido no continente africano, tal organização mudou, impondo o gênero (macho e fêmea) como organização social pelo patriarcado colonial, sendo o masculino ocidental, o predominante. Ela ainda destaca que o mundo ocidental é percebido visualmente, perspectiva que explicaria a razão dos corpos terem uma presença tão forte. Assim, “a diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos

---

<sup>5</sup> Que ou aquele que é o mais velho em relação a outro.

poderes atribuídos ao ‘ver’. O olhar é um convite para diferenciar” (Oyěwùmí, 2002, p. 02).

Insistindo na efervescência a partir de Oyěwùmí (2002), este artigo apresenta uma perspectiva de análise crítica sobre o conceito de gênero e da universalidade das categorias. A autora destaca que é necessário em levar consideração a existência da diversidade de experiências e as identidades de gênero nos mais variados contextos sociais e culturais.

Na perspectiva de Butler (2003), o conceito de sexo traz um determinismo biológico: ou se nasce homem ou mulher. A autora questiona essa perspectiva biológica imposta pela cultura e amplia a discussão para o campo do poder. De acordo com a autora

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (Butler, 2003, p.26).

Embora as perspectivas de Butler (2003) e Oyěwùmí (2017) sejam diferentes, vale destacar que Butler (2003) questiona a perspectiva biológica e eleva a discussão para o campo do poder, argumentando que a noção do gênero implica um tipo de determinismo biológico, os indivíduos são categorizados como homens ou mulheres desde sua gestação, o que gera o conceito de sexo. Por outro lado, Oyěwùmí (2017) oferece uma análise crítica acerca das construções sociais e culturais de gênero. A autora questiona a proclamada universalidade dessas categorias e enfatiza a importância de considerar a diversidade de experiências e identidades de gênero em distintos contextos culturais.

Em linhas gerais o conceito de gênero com o movimento feminista adquire outros significados, englobando aspectos culturais e sociais, discutindo acerca dos papéis esperados aos homens e às mulheres, bem como as desigualdades de gênero em uma sociedade patriarcal, logo “o poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres” (Saffioti, 1987, p.16). O Movimento Feminista impulsiona diversas esferas da sociedade a repensar o patriarcado e suas estruturas, coloca em pauta as desigualdades de gênero,

trazendo a público, questões antes vistas como problemas exclusivos e inquestionáveis das mulheres. Conforme afirma Carneiro (2003, p.49) “ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos”.

Para analisar a “Síndrome da Mulher-Maravilha”, é essencial compreender a origem da personagem dos quadrinhos e as motivações pelas quais houve a sua criação e, que remonta à década de 1940, por William Moulton Marston. De acordo com Cunha (2016), Marston era admirador das causas feministas e foi um dos primeiros a questionar os motivos pelos quais não havia políticas que permitissem o ingresso de mulheres na Universidade de Harvard. Por isso, pensou em criar uma personagem, que na percepção dela, teria como objetivo contribuir para a igualdade de gênero. Portanto, sob seu ponto de vista decidiu utilizar a influência dos quadrinhos para provocar uma mudança na mentalidade masculina através da criação de uma personagem inovadora: uma mulher guerreira, protagonista nas batalhas, empoderada, invulnerável, forte e corajosa.

Em síntese, a história ocorre em uma ilha mística, onde só existiam mulheres. Diana é uma princesa das amazonas, que nasce na Grécia, o “berço da civilização<sup>6</sup>”. Nos quadrinhos, a personagem é pioneira ao protagonizar como uma guerreira, exibindo empoderamento, invulnerabilidade, força e coragem, características antes associadas exclusivamente ao universo masculino. Além disso, por ser princesa das amazonas, ela personifica um símbolo de beleza sob o ponto de vista do padrão eurocêntrico. Jill (2017) reitera que Marston, inspirado pelo movimento feminista, era um homem de mente aberta e curiosa, buscando contribuir para a causa da igualdade de gênero. Ele reconhecia a importância de utilizar a influência dos quadrinhos para provocar uma mudança na mentalidade predominante masculina.

No entanto, paradoxalmente a sua motivação inicial, Marston utilizou como componente essencial na base da construção de Diana: o sexo e a erotização da personagem, com objetivo de alcançar e garantir que a história obtivesse sucesso (Jill, 2017). Assim, inspirou-se em suas predileções sexuais na criação e no desenvolvimento

---

<sup>6</sup> Local onde a civilização teria surgido. O pensamento atual é que não houve um “berço” único, mas várias civilizações que se desenvolveram independentemente, sendo o Crescente Fértil, a Índia Antiga e a China Antiga as mais antigas.

da história. Incorporando representações eróticas à personagem, que foi desenhada a partir das *pin-ups*<sup>7</sup>.

Curiosamente, ele é o inventor do detector de mentiras, que é representado nos quadrinhos pelo fictício laço da verdade, com o qual ela laçava seus inimigos e, posteriormente, era amarrada por eles em posições erotizadas. Segundo Jil (2017), refletindo nas representações eróticas de Diana, o que ele e Olive Byrne, sua companheira e terceiro elemento de sua relação, estudavam acerca das emoções de mulheres submedidas ao sadomasoquismo.

Contrariando a expectativa de simbolizar o empoderamento feminino, a personagem Mulher-Maravilha acabou por construir predominantemente a imagem da “supermulher”, aquela que, mesmo sobrecarregada e infeliz, é considerada invulnerável, incansável e capaz de enfrentar todas as adversidades e, por conseguinte, dando conta de tudo. Sobre ela recai a projeção social para se ajustar a um padrão de perfeição inatingível, quase como uma “deusa”, refletindo o perfil da personagem criada por Marston, devendo estar a todo o momento preparada para resolver tudo, agradar a todos, mostrando-se feliz, forte, bela e incansável. Quando não alcança esse padrão, é rotulada de frágil e incapaz de lidar com todas as questões do mundo moderno que são impostas às mulheres. Desta forma, está ininterruptamente sendo colocada à prova e tem sua capacidade comparada desigualmente a do homem, que usufrui de lugar privilegiado na sociedade. Assim, para dar conta das demandas “veste a capa” da super-heroína assumindo múltiplos papéis e muitas vezes adoecendo.

Essa representação contribui para a perpetuação de uma vida altamente estressante, marcada por padrões utópicos, alimentando a ilusão de ser uma guerreira praticamente dotada de superpoderes, encarregada de salvar a todos. Por exemplo, Lages, Detoni e Sarmiento (2005, p. 3) afirmam que “a inserção da mulher em um espaço majoritariamente masculino [...] acabou por fazer com que ela anexasse às funções domésticas, o trabalho fora de casa, sobrecarregando-a com múltiplas jornadas”.

Enquanto a Mulher-Maravilha, dos anos 1940, representava uma nova figura feminina capaz de incorporar tanto características consideradas femininas quanto

---

<sup>7</sup> Modelos que estamparam pôsteres sensuais com uma estética muito própria nas décadas de 1940 e 1950.

masculinas, na contemporaneidade, surge um novo modelo de Mulher-Maravilha, definido pelas dinâmicas das relações de trabalho dentro e fora do lar (Oliveira; Bastos, 2021).

Na busca por atingir padrões inalcançáveis de estética, do cuidado, do lar, dos relacionamentos e do mundo laboral, bem como na realização de seus objetivos para conquistar seu espaço dentro de uma sociedade patriarcal, as mulheres têm imposta sobre si demandas extenuantes, que, segundo várias pesquisas, vêm acometendo sua saúde. As grandes demandas colocam sobre seus ombros exigências, como se fossem dotadas de superpoderes, tal qual a personagem.

Enquanto a super-heroína foi idealizada como uma nova mulher, que coaduna ternura e beleza à força e luta, o uso contemporâneo do termo tem sido associado a um novo padrão feminino que, paradoxalmente, pode resultar em uma síndrome que desencadeia problemas emocionais, a qual faz referência à personagem dos quadrinhos a chamada: “*Síndrome da Mulher-Maravilha*”. De acordo com Abreu (2016)

[...] é a condição nosológica da consciênciosomática multitarefa, manifestando-se na condição de refém das pressões externas da sociedade moderna na busca da perfeição, utilizando-se de supostos superpoderes, autoiludida sobre a própria capacidade e equivocada quanto à prioridade evolutiva. Abreu (2016, p.48)

Destaca-se que não se trata de um termo médico, mas a “*Síndrome da Mulher-Maravilha*” faz uma analogia para explicar o que acomete as mulheres do século XXI, na busca para alcançar o padrão e para atender a múltiplas expectativas e demandas que há sobre elas, levando a sua sobrecarga e o seu adoecimento, virando reféns da exigência da alta performance. É importante analisar o que é ser mulher nesta sociedade que exige alta performance e que determina as expectativas sociais, bem como refletir o custo desse parâmetro massacrante sobre seus corpos.

Durante muito tempo o trabalho feminino era restrito aos afazeres domésticos e aos cuidados. Após muitas lutas, conquistou-se o seu direito a inserir-se no mercado do trabalho. Paradoxalmente, mesmo ocupando o mundo laboral tal qual aos homens, não houve uma mudança acerca das perspectivas da divisão de tarefas, assumindo assim



múltiplas jornadas. Tornando-as mais uma vez refém do sexismo<sup>8</sup> que lhes impõem um padrão de “ser a Mulher-Maravilha”, ou seja, a guerreira invulnerável, que luta incansavelmente e diariamente para dar conta das multitarefas em diferentes esferas. Conseqüentemente, assumem o papel dos afazeres elencados como exclusivamente feminino no patriarcado e com o acréscimo das funções laborais. Não existindo uma divisão igualitária das tarefas entre os homens e as mulheres. Lages; Detoni; Sarmiento (2005) afirmam que “a inserção da mulher em um espaço majoritariamente masculino [...] acabou por fazer com que ela anexasse às funções domésticas, o trabalho fora de casa, sobrecarregando-a com múltiplas jornadas” (Lages; Detoni; Sarmiento, 2005, p.3). Buckingham (2014) ressalta que somente 2% da população possui a capacidade efetiva de realizar múltiplas tarefas simultaneamente. Os demais demonstram perda de qualidade, celeridade e foco na atividade principal. As múltiplas tarefas ocasionam sérios danos a sua saúde, tanto física quanto mental.

Desta forma, as mulheres são acometidas pela autocobrança para ser bem-sucedida em todos os campos: profissional, intelectual, estético, maternal, doméstico e sexual, secundarizando e/ou muitas vezes excluindo de suas vidas o autocuidado em detrimento ao cuidar dos outros. No mundo real, ser a “Mulher-Maravilha” perpetua uma vida altamente estressante, com padrões utópicos, que alimentam a ilusão de ser uma guerreira dotada de superpoderes, para encarregar-se de cuidar e de salvar a todos.

Por sua vez, os homens continuam desempenhando seus papéis sociais e suas atividades no trabalho, com a possibilidade de descansar após uma jornada extenuante. No entanto, o mesmo não se aplica às mulheres. Segundo Lages; Detoni; Sarmiento (2005):

[...] ao se falar do trabalho da mulher fora de casa, muitos elementos se fazem presentes: emancipação feminina, filhos, cônjuge, renda familiar, sentimentos de culpa pela ausência no lar, dentre outros. Tal fato acontece porque a mulher continua sendo socialmente considerada como elo da família e, como tal, se espera que ela desenvolva esse papel, mas que também produza, isto é, tenha o seu trabalho profissional, não abandonando a sua missão de protetora e mantenedora social do lar. [...] A cultura não abandonou a noção de que são exclusivas do gênero feminino as funções domésticas. Assim, se

---

<sup>8</sup> Qualquer expressão baseada no pressuposto de que algumas pessoas, maioritariamente mulheres, são inferiores devido ao seu sexo ( human-rights-channel).

naturaliza a dupla jornada de trabalho. (Lages; Detoni; Sarmiento,2005, p.3)

Uma pesquisa conduzida por Rocha-Coutinho (2004) examinou o significado de ser uma Mulher-Maravilha para mulheres brasileiras, a partir da entrevista de 25 estudantes universitárias de diferentes cursos, entre 18 e 28 anos, para explorar suas percepções acerca da maternidade, relacionamentos afetivos, sexualidade, casamento e carreira profissional. Embora as entrevistadas tenham expressado ideias sobre igualdade de gênero e a importância das escolhas pessoais na contemporaneidade, Rocha-Coutinho (2004) observou que em sua grande maioria tentaram conciliar os discursos e padrões antigos e modernos sobre feminilidade. Isso resulta em impasses não reconhecidos, onde a liberdade de escolha parece ser uma justificativa frágil. Tal qual a personagem de Martson, que traz a fusão de atributos masculinos e femininos, as mulheres contemporâneas são pressionadas a conciliar múltiplas expectativas sociais, especialmente em relação ao trabalho e à vida doméstica. O trabalho fora de casa é visto como uma condição indispensável para a realização pessoal, coexistindo com a responsabilidade pela gestão da vida doméstica e da maternidade, o que impõe desafios significativos, afetando tanto as escolhas de carreira quanto a tomada de decisões sobre como equilibrar ambos (Rocha-Coutinho,2004).

Enquanto a super-heroína era idealizada como uma nova mulher, o uso contemporâneo do termo tem sido associado a um novo padrão feminino que, paradoxalmente, pode resultar em uma síndrome que desencadeia problemas emocionais. Pode-se afirmar que, isso reflete uma apropriação do capitalismo para integrar as mulheres no mercado de trabalho, enquanto o sistema patriarcal ainda influencia profundamente essa dinâmica (Oliveira; Bastos, 2021). Entretanto, em uma sociedade marcada pela hierarquia de gênero, classe e raça, surge a indagação: como as mulheres negras são afetadas pela Síndrome da Mulher-Maravilha?

## **2. Interseccionalidade e a “Síndrome Da Mulher-Maravilha”**

Segundo Gonzalez e Hasenbalg (1982), mesmo após o término da institucionalização e legalização da escravidão, persistem diversas desigualdades estruturais em nosso país. De acordo com Souza (2018), a escravidão assumiu novas

formas na sociedade contemporânea, muitas vezes disfarçada sob ocupações desqualificadas e subqualificadas.

Percebe-se que no mundo capitalista, a integração das mulheres ao mercado de trabalho é fortemente influenciada e marcada pelo sistema patriarcal (Oliveira; Bastos, 2021), que expressa, afirma e reafirma muitas desigualdades entre homens e mulheres as mascarando como naturais. Pesquisas do IBGE comparando dados de 2016 a 2022 apontam que o número de horas gastos semanalmente por mulheres com os afazeres domésticos e com o cuidar é o dobro comparativamente aos homens entrevistados.

No início do século XX, as mulheres negras entraram no mercado de trabalho como cuidadoras de lares, dedicando-se a jornadas exaustivas sem proteção legal, pois o trabalho doméstico não era reconhecido como produtivo (Carvalho; Santos, 2021). Vale ressaltar que os trabalhos desempenhados pelas mulheres negras ao longo da história, Lélia Gonzalez (2018) destaca que, além das responsabilidades domésticas, elas também realizavam tarefas pesadas, comparáveis às dos homens escravizados. Segundo Gonzalez (2018), no Brasil, há uma divisão racial do trabalho que perpetua a exclusão das mulheres e da população negra dos setores mais valorizados da economia. Para a socióloga, as trabalhadoras rurais e as empregadas domésticas modernas são uma continuação das escravas de plantação e das mucamas, respectivamente.

Diante desse cenário, a mulher contemporânea muitas vezes performa no limite das próprias capacidades físicas, emocionais e mentais para cumprir multitarefas. O sexismo naturaliza a sobrecarga das mulheres, pois não abdicou da visão que os afazeres domésticos e o cuidar também são de responsabilidade do homem, que dentro dessa lógica, tem o direito de “ajudar” ou não as funções domésticas.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) mostram que homens gastam mais tempo com tarefas domésticas quando moram sozinhos em média, 14,3 horas semanais; já as mulheres, quando dividem o lar elas gastam maior tempo 24,1 horas, em média, por semana. O IBGE (2023) aponta que as mulheres com 14 anos ou mais fazem trabalho doméstico por 9,6 horas a mais que os homens por semana. No entanto, a realização de afazeres domésticos era maior entre homens com curso superior completo (86,2%) e menor entre os sem instrução ou com ensino fundamental incompleto (74,4%).

Além da jornada dupla, as mulheres sofrem com maior precariedade no trabalho, maior informalidade e recebem menos do que os homens para executar as mesmas funções no mercado de trabalho, fato que demonstra desproteção social e falta do cumprimento de seus direitos trabalhistas garantidos por lei.

Diferentemente de décadas atrás, dados do IBGE revelam também que o número de mulheres provedoras e mantenedoras vem crescendo a cada ano, perfazendo quase metade das casas brasileiras. Vale ressaltar que 57% das mães que criam seus filhos sozinhas estavam na pobreza. Complementando esse dado Feijó (2023), afirma em site da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que uma pesquisa aponta que 90% das mães solo do Brasil são negras.

No início do século XX, as mulheres negras entraram no mercado de trabalho como cuidadoras de lares, com jornadas exaustivas e sem seus direitos assegurados por lei. Vale ressaltar que os trabalhos desempenhados pelas mulheres negras ao longo da história, Lélia Gonzalez (1988) destaca que, além das responsabilidades domésticas, elas também realizavam tarefas pesadas, comparáveis às dos homens escravizados. Segundo Gonzalez (1988), no Brasil, há uma divisão racial do trabalho que perpetua a exclusão das mulheres e da população negra dos setores mais valorizados da economia. Para a socióloga, as trabalhadoras rurais e as empregadas domésticas modernas são uma continuação das escravas de plantação e das mucamas, respectivamente.

A precariedade financeira, baixos salários e sobrecarga no trabalho tem contribuído para um exponencial aumento nos índices de adoecimento entre mulheres, com prevalência sobre as mulheres negras, 54% delas estão insatisfeitas ou extremamente insatisfeitas com sua situação financeira, em comparação com 39% das mulheres brancas (Eva, 2023). A instabilidade econômica exerce uma forte influência na saúde emocional, tornando as mulheres mais suscetíveis a problemas psicológicos (Eva, 2023). Enfrentam violações constantes dos direitos humanos fundamentais devido aos preconceitos raciais e de gênero, gerando estresse, traumas e inseguranças (Eva, 2023).

As mulheres negras sofrem ainda mais: 54% delas estão insatisfeitas ou extremamente insatisfeitas com a própria situação financeira, contra 39% das mulheres brancas”. Não poderia ser diferente: o levantamento do DIEESE baseado nos dados do Pnad Contínua mostrou que das famílias brasileiras lideradas por mães-solo, 62% tinham uma mulher

negra como principal provedora, e, ao mesmo tempo, 63% dos lares chefiados por mulheres negras viviam na extrema pobreza. (Eva, 2023)

Diante de tantos desafios e tentando ser a “Mulher-Maravilha”, os sentimentos de incompletude, de que deixou de fazer algo, tomam grandes proporções causando um vazio existencial e projeta a angústia contínua de antever do futuro e estar à frente, culminando casos clínicos Transtorno de Ansiedade Genertalizada (TAG), entre outros problemas que afetam sua saúde mental e física. Estimativas da Organização Mundial da Saúde (2020), apontam que é crescente o índice de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e o Brasil é o país que apresenta o maior índice de casos diagnosticados e o quinto em casos de Depressão, sendo o maior percentual em mulheres. Ramanda et al. (2010) afirma que “a mulher possui peculiaridades tanto fisiológicas como socioculturais que irão interferir diretamente no seu bem-estar” Ramanda et al. (2010, p.617), conseqüentemente, as diferenças de gênero afetarão a saúde da mulher. Ramanda et al. (2010) complementa a maneira com a qual a mulher é vista pela sociedade a afeta direta ou indiretamente, uma vez que os tabus, os preconceitos, as transformações fisiológicas são vinculados, atribuídos e de responsabilidade dela.

Não somente as desigualdades e hierarquias de gênero marcam as mulheres, sendo assim, faz-se necessária a análise sob a ótica interseccional, levando em consideração outros demarcadores. Oyèwùmí (2002, p.3) afirma que:

as discussões centraram-se sobre a necessidade de atentar-se ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e outros sistemas de hierarquia

Assim, os processos discriminatórios não são analisados de maneira desconexas e isoladas, mas sim, forma complexa, entrelaçando e adicionando simultaneamente: classe, de gênero, de geração, de raça/etnia e de orientação sexual, a fim de compreender como ocorrem a discriminação na sociedade. Segundo Crenshaw (1989) “as concepções operativas de raça e sexo se tornam ancoradas em experiências que, na realidade, representam apenas um subconjunto de um fenômeno muito mais complexo” (Crenshaw, 1989, p. 140).

Neste contexto, além de todos os privilégios dados aos homens, é inegável a existência de diferenças abismais entre mulheres brancas e negras na sociedade e no

mercado de trabalho. Segundo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese, 2020), 43% das mulheres ocupadas 9 ganhavam até um salário-mínimo, sendo em sua grande maioria, mais da metade, mulheres pretas. 5,3% são mulheres desalentadas<sup>10</sup>, 1,6 milhão são negras e 672 mil não negras. Mulheres negras ganham 38,4% menos que mulheres não negras; 52,5% menos que homens não negros e 20,4% menos que homens negros.

Hooks (2015) destaca que no discurso feminista há o predomínio das mulheres brancas, pois elas quem formulam e elaboraram suas próprias teorias, assim “têm pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista” (Bell Hooks, 2015, p. 196).

Dados do DIEESE (2024) apontam que a taxa de subutilização, que representa a parcela da população empregada com jornada de trabalho insuficiente em relação à força de trabalho total, foi mais elevada entre as mulheres negras (7,3%), seguida pelos homens negros (5,0%). Já entre as mulheres não negras, essa taxa ficou em 4,8%, enquanto entre os homens não negros foi de 3,1%. Esses números revelam a fragilidade da inserção das mulheres negras no mercado de trabalho, pois muitas delas trabalham menos horas do que desejam ou precisam, recebendo salários menores (DIEESE, 2024). Além disso, observou-se um aumento na taxa de subutilização entre as mulheres, passando de 7,0% para 7,3% entre as negras e de 4,5% para 4,8% entre as não negras, ao longo dos dois trimestres analisados (DIEESE, 2024).

Observando os dados supracitados à luz da análise histórica do Brasil, percebe-se o grande impacto e os reflexos da escravização em nosso país, que possui inúmeras desigualdades estruturais a serem superadas. Demonstra que a escravização ganhou novos contornos na sociedade atual mascarado com os trabalhos desqualificados e subqualificados na sociedade (Souza, 2018). O trabalho da população negra é explorado desde o período colonial e, infelizmente, até os dias de hoje.

Sob ótica da interseccionalidade, pode-se afirmar que as desigualdades agravam ainda mais quando se é mulher, negra e periférica, fato que é pode ser ratificando quando

---

<sup>9</sup> Que atual no mercado de trabalho.

<sup>10</sup> Categoria especificada pelo DIEESE como aquelas que gostariam de trabalhar, mas que desistiram de procurar porque acham que não vão encontrar.

observa-se que ela compõe a base da pirâmide social. Akotirene (2019, p. 150) afirma que a interseccionalidade é “sistema de opressão interligado, que circunda vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias”.

Diante do exposto, é possível afirmar que as mulheres pretas são mais exploradas, desvalorizadas, desrespeitadas e menos cuidadas pela sociedade, bem como pode-se acrescentar o agravante de sofrerem com a naturalização dessas questões, conforme aponta Gonzales (1988)

embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. [...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a 'superioridade' branca ocidental à 'inferioridade' negroafricana. A África é o continente 'obscuro', sem uma história própria (hegel); por isso, a razão é branca, enquanto a emoção é negra. Assim, dada a sua 'natureza sub-humana', a exploração sócio-econômica dos amefricanos por todo o continen-te, é considerada 'natural'. Gonzales (1988, p.77)

Em uma sociedade patriarcal e discriminatória, as mulheres brancas são impactadas pela “Síndrome da Mulher-Maravilha”, porém, nas mulheres negras isso se intensifica, pois estão constantemente colocadas “à prova”. Mesmo dispondo de pouco acesso, escassos recursos e aparatos do Estado, a sociedade impõe sobre seus corpos e mentes uma validação diária sua capacidade. Assim, sendo necessário serem “as guerreiras” em tempo integral, como se, por serem negras, podem suportar tudo. Diante de tantos obstáculos, tais como: discriminação, dupla jornada de trabalho, descanso precarizado, secundarização de seu autocuidado, escassez de seu tempo, dificuldade financeira, alimentação inadequada, acesso restrito oportunidades de escolarização, saúde, alimentação e transporte, O pesquisa realizada pelo Laboratório Think Olga, disponível no site Think Eva (2023), revela dados alarmantes, nos quais demonstra que as mulheres negras têm seus direitos básicos violados pelos preconceitos racial e de gênero, o que ocasiona inseguranças, traumas e estresse. Assim, adoecidas, essas mulheres não são cuidadas pela própria sociedade que levou ao seu adoecimento. A pesquisa aponta que 70% das vítimas de mortes violentas no Brasil são de mulheres negras, bem como elas são as maiores vítimas da violência doméstica. Aponta também

que crianças negras têm 39% mais chances de morrer antes dos 5 anos por doenças que poderiam ser evitáveis. Além de 3,6 vezes maior probabilidade de morrer vítima de arma de fogo. Segundo Think Eva (2023), o medo constante da perda e do luto desencadeia uma maior incidência de transtornos mentais sobre essas mulheres, tais como: a depressão, o transtorno de ansiedade e doenças psicossomáticas, os sintomas físicos da sobrecarga mental.

Observa-se que as mulheres negras ficam mais vulneráveis e suscetíveis ao adoecimento, uma vez que muitas vezes a sua saúde física e mental são mais afetadas, do que as mulheres brancas e, principalmente, em relação aos homens.

### 3. Discussão

A persistência das desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho revela como as estruturas sociais ainda carregam marcas profundas da escravidão e do patriarcado. Apesar dos avanços legais e institucionais, as mulheres negras continuam sendo as mais afetadas pela precarização do trabalho, concentradas em ocupações de baixa remuneração e menor reconhecimento social, como o trabalho doméstico e o setor de serviços. Esse fenômeno não é apenas uma questão econômica, mas também um reflexo de um sistema que naturaliza a divisão do trabalho com base em raça e gênero.

A história da inserção das mulheres negras no mercado de trabalho no Brasil mostra como a exploração foi sendo ressignificada ao longo do tempo. Se antes o trabalho compulsório das mulheres escravizadas era visto como uma obrigação imposta, hoje ele se apresenta na forma de empregos com baixa proteção trabalhista, informalidade e jornadas exaustivas. A ideia de que determinadas funções são "naturalmente" destinadas a mulheres negras, como o cuidado de crianças e idosos, revela como estereótipos raciais continuam operando na estrutura econômica. Além disso, a cobrança social para que essas mulheres sejam sempre fortes, resilientes e capazes de lidar com múltiplas demandas sem demonstrar cansaço ou vulnerabilidade se relaciona diretamente com a chamada "síndrome da mulher maravilha".

Esse conceito descreve a pressão imposta sobre as mulheres, especialmente as negras, para que sejam trabalhadoras incansáveis, cuidadoras dedicadas, mães exemplares e ainda mantenham uma aparência de força inabalável. Essa expectativa social se torna um fardo que leva à sobrecarga física e emocional, agravando as condições de saúde



mental e reforçando a falta de suporte estrutural para que essas mulheres possam dividir responsabilidades e acessar direitos de forma plena. No mercado de trabalho, isso se traduz na exigência de uma produtividade constante, sem o devido reconhecimento ou a valorização do esforço despendido.

Além disso, é preciso refletir sobre como essas desigualdades impactam não apenas a renda, mas também o acesso a direitos básicos, como saúde, moradia e educação. O mercado de trabalho não é um espaço neutro: ele é atravessado por relações de poder que definem quem tem mais ou menos oportunidades. A luta por equidade, portanto, não pode se restringir a uma discussão sobre emprego e salário, mas deve abordar a necessidade de políticas públicas que combatam o racismo estrutural e promovam a valorização da diversidade nos espaços de trabalho. Romper com a síndrome da mulher maravilha significa, também, desafiar a lógica que normaliza a exaustão e a exploração das mulheres negras, reivindicando condições de trabalho dignas e o direito ao descanso e ao autocuidado.

#### **4. Considerações Finais**

Vive-se em uma sociedade capitalista de alta performance em que a divisão sexual do trabalho é evidente, conseqüentemente, ela gera desigualdades que subjugam as mulheres e representam um dos problemas mais significativos no mundo laboral. O modelo patriarcal e escravista influenciou a sociedade brasileira, contribuindo para expressões de sexismo e racismo que alimentam desigualdades sociais, políticas e econômicas entre os gêneros. Diante do exposto, é imprescindível discutir as desigualdades sob a lente da interseccionalidade.

No contexto atual, as mulheres enfrentam a árdua tarefa de tentar conciliar a expectativa imposta pelo patriarcado com suas responsabilidades na esfera produtiva. Tal cenário tem impactado a saúde das mulheres, levando-as ao esgotamento e à exaustão, alimentando a ideia subconsciente da Mulher-Maravilha: a necessidade de salvar todos e lidar com todas as demandas para provar seu valor e ocupar espaços sociais historicamente negados. A Mulher-Maravilha só existe no mundo da ficção. Não há como romantizar a cobrança pela perfeição, afinal, diferentemente da história, o que existe são mulheres reais.

Essa pressão imposta é ainda mais agravada quando considerado a interseccionalidade, com mulheres enfrentando múltiplas formas de discriminação devido à sua raça e condição socioeconômica. Sobrecarregadas, com múltiplas jornadas, iludidas sobre sua capacidade de suportar tudo e pressionadas por padrões de perfeição inatingíveis, as mulheres carregam uma culpa injusta por não alcançar a autossuficiência, o que leva ao esgotamento físico e psicológico, pois vivem na busca da legitimação de suas conquistas, para romper com a visão patriarcal de dependência masculina e a visão de fragilidade feminina.

A síndrome da Mulher-Maravilha, por exemplo, revela não apenas a pressão sobre as mulheres, mas também a maneira como as expectativas sociais são moldadas por estruturas patriarcais e capitalistas. Mulheres negras, em particular, enfrentam uma série de desafios adicionais, desde a falta de representatividade nos espaços de poder até a precariedade econômica resultante de décadas de discriminação estrutural. Além disso, a interseccionalidade emerge como uma lente crucial para entender as complexas interações entre raça, gênero e classe, destacando como esses sistemas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente.

As mulheres negras enfrentam desigualdades econômicas, sociais e políticas únicas que exigem abordagens específicas e políticas inclusivas para promover a equidade, sendo necessário o investimento em políticas públicas para romper com o ciclo de pressões e opressões.

## 5. Referências

ABREU, Renata. Síndrome da mulher maravilha: autodiagnóstico e autossuperação. *Glasnost*. **Ano 3**, n. 3, p. 48, 2016.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

BUCKINGHAM, M. **O Poder das Mulheres Fortes**: o que Elas Fazem de Diferente para serem Felizes e Bem-sucedidas; Tradução de Leila Couceiro; Sextante; Rio de Janeiro, RJ; 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, 2003.

CARVALHO, M.; SANTOS, W. A mulher preta no mundo do trabalho brasileiro: entre a sujeição e o prestígio social. **Revista Fim do Mundo**, n. 4, jan.-abril, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e Gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, n.1, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha. **Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)** – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes. **Boletim Especial 8 de Março**, 2024.

FEIJÓ, Janaína. Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos. **Fundação Getúlio Vargas (FGV)**, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos>. Acessado em: 10 de jan. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Raça e Classe**, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 1, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016 a 2023.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2004**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

JILL, Lepore. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Editora Bestseller, 2017. 2ª edição.

LAGES, Sônia Regina Corrêa; DETONI, Caroline; SARMENTO, Sandra Carrato. **O preço da emancipação feminina** - uma reflexão sobre o stresse gerado pela dupla jornada de trabalho. Estação Científica, FESJF, 2005.

MARSTON, Willian Moulton. Why 100,000,000 Americans read comics. **The American Scholar**, Winter, v. 13, 1943.

OLIVEIRA, A. M., & Bastos, R. (2021). “Então a deusa se mata em sacrifício de seus próprios animais”: a Mulher Maravilha como uma prescrição do “ser mulher”. **Interfaces**

**Científicas - Humanas E Sociais**, 9(2), 643–655. <https://doi.org/10.17564/2316-3801.2021v9n2p643-655>

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body**: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento, Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81\\_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD\\_-\\_visualizando\\_o\\_corpo.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://filosofiaafricana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf). Acessado em: 13 de jan. 2024.

PINHO, P.S.; ARAÚJO, T.M. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Rev Bras Epidemiol**, v.15, n.3, p.560-72, 2012.

RAMADA KRB, Barbosa AF, Siqueira BT *et al.* **Saúde Mental na Atenção à Mulher. Revista de pesquisa**: Cuidado é fundamental on-line. 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):616-619. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/1066-Texto%20do%20Artigo-6802-1-10-20101208.pdf>. Acessado em: 10 de jan. 2024.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n, 1, p. 2-17, 2004.

SOUZA, Jessé de. **A Ralé Brasileira**. Editora Contra Corrente; 3ª edição, 2018.

THINK EVA | **Esgotadas**. O ponto de virada na saúde mental das mulheres. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/esgotadas/> Acessado em: 09 de jan.2024.

\_\_\_\_\_. **Mulheres negras chegam ao limite da exaustão antes de encontrar ajuda**. Think, 2023.

Disponível em: <https://thinkeva.com.br/exaustao-das-mulheres-negras/#:~:text=A%20falta>

%20de%20dinheiro%2C%20as,contra%2039%25%20das%20mulheres%20brancas.

Acesso em 9 de abr. 2024.